

Apresentação

Hermes de Sousa Veras (UECE)

Doutor em Antropologia Social, Professor substituto na Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Jerônimo da Silva e Silva (UNIFESSPA)

Doutor em Antropologia,
Professor Adjunto na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

A chamada do nosso dossiê “Conviver com orixás, entidades espirituais e seres encantados: etnografias junto a religiões de matrizes africanas, indígenas e encantadas”, pretendia reunir pesquisas antropológicas que trouxessem, em sua análise e condução, a centralidade da convivência junto a seres “mais-que-humanos”, ou pelo menos, não humanos, mas que se apresentam e se relacionam com as pessoas, e evidentemente, com a vida social de comunidades tradicionais de terreiro, afro-brasileiras e indígenas. Como antropologia, não é exagero lembrar que estamos interessados por nossa condição humana necessariamente em abertura para com nossas fronteiras, seja da pele, seja do pensamento. Tais relações ou interações cosmológicas que orientaram a chamada revelam situações de contatos culturais, imbricadas pelas noções de território, oralidades e saberes, formando um mosaico no qual os termos próprios do pensamento situado de entidades potencialmente convergem, em determinadas circunstâncias, com as interações sociais, conflitos e mediações situadas historicamente.

Este dossiê, ao convocar a ampla e diversa convivência com ontologias de diversos mundos, também sucumbe a convocação das variadas mãos autorais no interior das inúmeras “linhas” do mundo das antropologias,

bem como suas afinidades interdisciplinares (e transdisciplinares), de tal modo que nos detemos na noção de convivência ou do que essas tantas mãos entendem sobre o conviver para sublinhar o fio da meada que passa por tantas camadas dispersas em cada reflexão esboçada. Dito isso, passaremos a apresentar os artigos participantes.

Se o ato de conviver significa a disposição temporal de um contato e o reconhecimento das relações de alteridade, a pesquisadora Joyce Costa Barbosa em “Orixás, entidades e cotidiano: uma travessia etnográfica pelo candomblé” amplia este arco analítico ao refletir sobre a noção de “travessia no candomblé”, postulando determinados aspectos das interações no candomblé desde os distintos espaços, particularmente aqueles externos ao dito “ambiente tradicional”. trata-se de uma auto-etnografia multisituada que expressa as dinâmicas das relações entre divindades e entidades a partir da cosmopercepção no cotidiano, este atravessado e mobilizado também pelos rituais. A convivência com orixás e outros seres espirituais, para além da ritualidade dos terreiros, é apresentada pela cosmopercepção de Joyce Barbosa ao nos revelar o seu cotidiano entrelaçado com a dinâmica do candomblé, impregnado e interrelacionado com seres dificilmente percebidos por uma metafísica ocidental que separa, radicalmente, natureza e cultura, visível e invisível.

Na Terra Indígena Mãe Maria, aldeia *Amtáti K̀yikatêjê*, na margem direita do rio Tocantins, estado do Pará, caçadores *K̀yikatêjê*, ao apresentarem encontros na mata com os *Mekarõ* (espíritos) ou entidades protetoras da mata, denominadas também de *Kupêpuxititi* (Pai da Mata), esboçam que a busca de proteção e cura pode se conectar eventualmente com consultas e orientação de entidades afro-brasileiras em terreiros de umbanda. A referida etnografia intitulada “Na Encruzilhada com *Mekarõ*: entidades afro-brasileiras e indígenas na aldeia *Amtáti K̀yikatêjê*, sudeste do Pará”, de Celeste Cacau Mulato Gavião, Daniele Nascimento de Freitas e Jerônimo da Silva e Silva analisam as intercorrências e sobreposições dos predicados cosmológicos do *Mekarõ* com os encantados, se esquivando das noções de contato cultural baseadas na abrupta oposição étnica e investindo nas formas próprias de elaboração cultural dos narradores e as suas formulações a respeito do que se entende por “mudança cultural” ou “interculturalidade”.

O artigo “Cidade e territórios sociais afro-religiosos: povos de terreiros em face da urbanização na zona Norte de Teresina – PI, o caso Praça dos Orixás” de autoria de Victor Israel Sousa e Silva e Anna Karina Borges de Alencar, analisa a constituição do cenário urbano da cidade de Teresina e suas problemáticas no que concerne ao

silenciamento e apagamento da cidade praticada pelas vivências dos povos de terreiro. Para Anna Karina e Victor, as memórias não apenas conformam a cultura religiosa afro-teresinense em sua dimensão identitária e territorial, mas também sublinham que os próprios processos de produção, manutenção e transmissão das memórias seriam uma forma de resistência da “história oficial” de Teresina. A Praça dos Orixás, tomada como referência para se pensar os aspectos supracitados, representaria a expressão das formas próprias de viver os territórios, bem como o enlaçamento de uma maneira, igualmente própria, para se pensar a história acerca da experiência religiosa umbandista e candomblecista nesta paisagem urbana.

A Ilha de Mosqueiro, localizada próxima da cidade de Belém do Pará, é um dos tantos lugares amazônicos caracterizado pelo seu potencial turístico, bem como lugar repleto de encantarias, locais de morada dos seres encantados que jazem nos fundos dos rios, no interior das matas, elaboração paisagística compósita de inúmeras entidades que povoam a região e as memórias de moradores. Nesse cenário, Renato Vieira de Souza em “Encantados em memórias: As histórias de seu Milito do Caruaru em Mosqueiro, Belém-PA” nos apresenta a partir das memórias e histórias de vida de seu Humberto Carvalho de Araújo, o “seu Milito”, elementos que permitem compreender as inúmeras facetas dos encantados a partir de suas manifestações no espaço amazônico e principalmente o lugar dos encantados no labirintos da memória do narrador, o desdobramento encantatório envolto no ato de lembrar e esquecer que caracterizam os sentidos coletivos e identitários neste território insular amazônico.

A nossa proposta de apresentar etnografias das convivências implica, necessariamente, em um esforço de imaginação antropológica, e uns dos conceitos mais potentes para esse exercício é o de pessoa, já tão amplamente debatido na antropologia, inclusive na especialidade das religiões de matriz africana. Apostando que a noção de pessoa afro-brasileira ainda tem algo a nos dizer, Priscilla Mello em seu ensaio “Uma árvore não faz a floresta: a noção de pessoa na antropologia das religiões de matriz africana no Brasil” nos relembra que é na noção de pessoa que encontramos uma base primordial da convivência entre pessoa e orixá. Ora, a pessoa só encontra a sua potência, dentro dessa cosmologia, quando feita para orixá, e como deixa bem elucidada a revisão da literatura empreendida por Mello, esse compósito carrega na multiplicidade de seres a própria elaboração da pessoa. A sua reflexão tensiona as categorias cansadas de indivíduo/sujeito e sociedade, pensando junto com as religiões de matriz africana um aprofundamento alternante sempre necessário.

É nessa seara de descentralizar velhas dicotomias cansadas, que Moacir Filho em sua resenha de “O sacerdote e o aprendiz: antropologia de um terreiro amazônico” (2021), apresenta e reflete com o livro de Hermes Veras publicado em 2021, mas fruto de sua dissertação de mestrado defendida em 2015 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA-UFGA). Escritor e pesquisador da literatura, Moacir Filho lê a antropologia e a etnografia junto ao Terreiro de Mina Deus Esteja Contigo, fundado e liderado pelo Pai Álvaro Pizarro, como uma possibilidade contra-colonial para a nossa imaginação de mundos outros e ainda possíveis.

Para contribuir com o dossiê, Hermes de Sousa Veras apresenta em “A umbanda é um livro que se folheia: uma conversa com a Cabocla Mariana na *croá* de Mãe Rita de Oxóssi” o diálogo que teve com a encantada Cabocla Mariana, recebida por sua amiga e afroreligiosa, Mãe Rita de Oxóssi. Essa conversa destaca um trecho da tese de doutorado do autor, embora seja apresentada para o dossiê de uma maneira focada nos dizeres da encantada.

Engajamento, diferença e imaginação modulam muito bem a proposta do presente dossiê que temos o prazer de apresentar ao público, assim como são elementos presentes nos textos que corresponderam e formam o presente número.